

JOSÉ JANSEN

A MÁSCARA
NO CULTO, NO TEATRO
E NA TRADIÇÃO

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE



OS CADERNOS DE CULTURA

IMPRESA NACIONAL
Biblioteca de Acervo

no 50
Data 8 / 7 / 54

I — Antiguidade e poder mágico das máscaras

A procedência das máscaras perde-se nos mais longínquos horizontes da história e, quando supomos nos aproximarmos da sua data mais remota, a perspectiva se distancia ainda.

Das artes humanas, somente a cerâmica pode competir com a máscara em antiguidade. Em todos os períodos conhecidos da história, e em todos os continentes, uma e outra têm sido manufatura praticada.

Conhecida em priscas eras, a máscara foi utilizada pelo homem para diversos fins, e, como autêntica demonstração de sua origem tradicional, é ainda encontrada, sob o espírito primitivo, entre os povos que continuam sem evolução, como se tivessem parado no tempo, constituindo depoimento vivo da forma elementar na existência humana.

Em sua feição primitiva as máscaras foram usadas para amedrontar o inimigo, nas guerras, os demônios e fantasmas, nos rituais, pois, nos primórdios da história, tiveram para o homem um poder mágico. Essa é a conclusão a que sempre chega o pesquisador.

No seio das velhas tribos, como ainda hoje se pode ver, entre aquêles povos dos quais falamos há pouco, os feiticeiros e dançarinos dos cultos religiosos não ousavam exercer as suas práticas com o rosto nu e, nas homenagens às divindades, era um grupo de privilegiados que tinha o direito de usá-las, porque, para o espírito do selvagem, a máscara tinha desígnios ocultos e sentido sobrenatural, por dotadas de encanto e propriedades divinas.

Supunham então que os elementos fôsem submetidos à sua influência. Constatados êsses fatos, compreende-se facilmente a importância dada pelo homem primitivo às máscaras.

Os chefes de tribos, feiticeiros e seus acólitos usavam máscaras para invocar os espíritos propiciatórios que trouxessem chuva, nas épocas de sêca, ou fizessem cessar as doenças, quando houvesse alguma epidemia, ou, ainda, nas vésperas dos combates, para assegurar a vitória.

Não sòmente em tais circunstâncias eram usadas pelos chefes. De tempos em tempos, apareciam aos seus súditos, com impressionantes máscaras, para exortá-los a permanecer em obediência, restringindo excessos.

São muitos os documentos que atestam a presença da máscara nos cultos e cerimônias do antigo Egito. Há, na Biblioteca Nacional de França, um documento milenar, simbolizando o curso do Sol, e nêle, personagens com máscaras representando cabeça de chacal e de falcão, e no Museu do Louvre, uma estátua de

Horus Hieracéfalo, fazendo em favor do Rei o gesto da purificação.

Avançando a civilização, a espécie humana foi perdendo aos poucos o temor supersticioso e o respeito primitivo pela máscara, utilizando-a também nos divertimentos.

Muito embora os modernos estudos etnográficos e etnológicos tenham projetado alguma luz sôbre as origens da máscara, o assunto está ainda sem juízo definitivo formado.

Para uns, o seu aparecimento é atribuído à necessidade que o homem sentiu de se proteger dos espíritos maus e demônios, dos quais acreditavam estar o ambiente povoado, assim procedendo nas suas práticas religiosas, baseadas em idéias empíricas do animismo que predominava entre os homens primitivos.

Sob a aparência artificial de máscaras horripilantes, acreditavam afugentar ou enganar aquêles espíritos que temiam e aos quais eram atribuídas tôdas as adversidades.

II — Máscaras no teatro

Quem teria sido o primeiro a usar máscara no teatro?

Aí está uma pergunta difícil, ou melhor, impossível de ser respondida, pois já dizia assim o próprio Aristóteles.

Uns atribuem-na a Thespis, outros, ao seu contemporâneo Haerili, outros ainda, a Phrynicus.

A máscara com finalidades cênicas é tida como de origem grega e seu uso, segundo a crônica, foi divulgado pelos poetas contemporâneos de Thespis, nos divertimentos, sérios ou cômicos, das Dionisiacas.

Em Plínio encontramos notícias sobre máscaras, de fôlha de acanto, com buracos para os olhos e a bôca.

O fato porém é que na primeira fase, como elemento do teatro grego, foi sob formas tôscas e rudimentares que apareceram, feitas de mosto e fôlhas. Só depois foram confeccionadas sob espírito mais intencional e com apuro.

Fabricavam-nas com matéria-prima de origem vegetal, fôlhas, fibras ou madeira, e depois, com argila, para mais tarde serem feitas de couro ou tela endurecida por camada espessa de cêra.

Para Leon Chancerel, não foram as exigências da cena que deram origem à máscara, mas um sentimento de ordem religiosa.

Todos sabem que o teatro nasceu do povo e, nos períodos áureos, quando atingiu as suas culminâncias, foi um divertimento profundamente popular, atraindo grandes massas, como sucedeu na Grécia antiga.

Nas fontes do teatro grego vamos encontrar o uso das máscaras revestido de grande importância como parte do espetáculo, servindo ao mesmo tempo para finalidades, então consideráveis, quais as de definir em traços fortes o caráter do personagem, aumentar a estatura do intérprete e ampliar-lhe a voz, visto como os locais de espetáculo eram situados ao ar livre,

ocupando áreas enormes, para comportar o público numeroso que constituía verdadeira população.

É óbvio dizer que a essa ampliação da cabeça, correspondia a das demais partes do corpo: ventre, musculatura e etc., artifícios sobre os quais era usado um "maillot" que mantinha e unificava tudo.

Dessas três utilidades apontadas era talvez a mais importante, a de utilizar o imediato poder sugestivo das máscaras que variavam, conforme o fim visado.

O seu uso passou a ser indispensável e tornou-se familiar ao povo que logo reconhecia o tipo do personagem, identificando sua natureza, pela simples aparição do intérprete.

Quanto mais entravam as máscaras para o rol de elemento cênico, maior se tornava sua variedade e, por isso, passaram a ser classificadas em duas grandes categorias: *trágicas* e *cômicas*.

Essas duas principais classes de máscaras usadas no teatro antigo, da Grécia, foram de tal importância que em nossos dias, se tornaram símbolo universal e vulgar para o teatro.

A documentação de que podemos dispor, nos dá notícia de coleção interessantíssima com a qual se dispunha de cêrca de vinte e oito máscaras trágicas, sendo: seis, para representar anciães; oito, para jovens; onze, para mulheres e três, para escravos.

Quanto às máscaras cômicas, excede a quarenta o número conhecido: nove, para anciães; dez, para jovens; três, para mulheres de idade; catorze, para mulheres jovens e sete, para escravos.

Além dessas, temos notícia de outras, através dos baixos-relevos, dos afrescos de Pompéia, das miniaturas de manuscritos e vários monumentos.

A expressão fixa das máscaras, como vimos, foi na Grécia antiga um acessório de relevante importância, porque determinava de antemão o caráter do personagem, tendo logrado entre o povo uma popularidade que hoje ultrapassa às nossas conjeturas.

Sofreu evolução, como era natural, e também emigrou para pontos diversos, expandindo-se o seu uso como elemento do teatro.

III — Evolução e emigração da máscara cênica

Da Grécia passou a Roma, onde tomou as denominações de “larvas” e “persona” que significavam tanto a máscara em espécie como suas utilidades relativas à estatura, à voz e à expressão.

Tais máscaras eram executadas por habilísimos artífices e produziam fortemente a ilusão buscada de aumentar a voz e a estatura, como a de definir, em traços fortes, o caráter segundo a “fisiognomia”, e esta ilusão tornou-se mais acentuada quando os intérpretes passaram a mudar de máscara, trocando a expressão, no decurso do espetáculo, de acordo com a evolução do assunto.

Em um baixo-relêvo, conservado no Museu de Nápoles, podemos julgar do uso das máscaras, no teatro de Terêncio.

De Roma, passaram a pontos mais distantes, sofrendo modificações de adaptação ecológica com o decorrer do tempo, por espaço de vários séculos.

Dêsse modo, vamos encontrar máscaras, nos “mistérios” da Idade Média, passando depois às festas da sociedade: nas “farsas” da Renascença, quando se tornou peça da *toilette* feminina; na “Commedia Dell’Arte” que fez reviver o seu uso no teatro popular, por toda a Europa, perdurando até o século XVIII.

Delas se encontram vestígios na Espanha dos séculos XV e XVI, na “antiga farsa”, nas representações contemporâneas de Lope de Rueda e do toledano Pedro Novarra.

Foi ainda de uso comum na corte de Carlos VI, dos últimos Valois, nos teatros de feira, nas sociedades secretas, e em Veneza inventou-se a meia-máscara de veludo e cetim.

É curioso constatar o uso das máscaras nos períodos de maior interesse popular pelo teatro. Era eminentemente popular o teatro na velha Grécia, como o foi em Roma, e depois, os “mistérios” medievais, a “farsa” renascentista e a “Commedia Dell’Arte”.

IV — Classificação das máscaras

E’ natural que tenham despertado e prendido a atenção dos sábios que, em face de sua variedade, procuraram classificá-las, para melhor método de estudo.

R. Andrée, classifica-as em: a) — máscaras do culto; b) — máscaras de guerra; c) — mortuárias; d) — de justiça; e) — de teatro e baile.

Posteriormente, Guido Bargellini, professor da Universidade de Roma, em interessante e erudito estudo, classifica-as em três grandes grupos: a) — do ritual; b) — de guerra e, c) — de espetáculo. Todavia, faz notar que considera o assunto de difícil enquadramento, para classificação, e sob esse ponto de vista, expende considerações, citando e fazendo apreciação sobre os estudos de R. Andrée e C. M. Pleyte que distinguem, entre as máscaras, as do ritual, as do culto, as funerárias e as de justiça, dando como exemplo deste último enquadramento, as do *Duk-duk*, na Nova Bretanha (Melanésia).

Outra citação interessante de Guido Bargellini, é do trabalho de W. H. Dall que divulgou a hipótese de ter sido a máscara de guerra, um recurso de defesa, como proteção ao rosto. Bargellini contesta a hipótese de Dall e expõe suas conjeturas em contrário, citando, como demonstração, as máscaras do gênero usadas entre os Daiaki, de Bornéu, que, devido à frágil matéria-prima da qual são feitas e o seu terrível aspecto, não deixam dúvida de ser o seu fim precípua, o de amedrontar o inimigo e, além disso, é opinião generalizada que a máscara de guerra deriva do hábito de pintar o rosto e o corpo para as práticas mágicas, costume que podemos constatar hoje, em vários pontos, como tive conhecimento de ser, entre os índios Canelas, no Maranhão.

Em se falando de máscara mortuária, há no Brasil um exemplar precioso. Trata-se de múmia egípcia conservada no Museu Nacional, constituindo um exemplar de rara importância, por ser o único espécimen conhecido, no qual se conservou a forma feminina do corpo. A máscara desta múmia, embora não seja toda de ouro, é dourada com ouro em pó e modelada com perfeição.

V — Algumas correlações no uso das máscaras

Nos períodos de adversidade, encontramos entre os nativos da América, o hábito de colocar máscara de pedra nos ídolos para criarem assim um ser mais poderoso que o demônio, e tal prática é, de certo modo, uma modalidade das Gargonas, da antiguidade clássica.

Entre os chineses, usam-se máscaras na última noite do ano para espantar e afugentar, das folhas das árvores, os demônios que nessas noites saem em busca de vítima, para o sacrifício. Costume semelhante é encontrado entre as populações nativas da África, Austrália e das Américas, como o foi, entre os europeus, conforme se comprova com a festa da primavera dos antigos germanos e celtas, na qual se fazia uma procissão com indivíduos de rosto coberto, para distanciar o inverno e as enfermidades.

Na igreja, até o século XVIII, faziam a *festa dos loucos*, espécie de arremêdo burlesco de certas cerimônias sagradas. Durante os festejos da Natividade, da Epifania e, no primeiro do ano, mascaravam-se os bufões com cara de animais monstruosos. Tais come-

morações foram, em princípio, uma transigência cristã, para facilitar a transição do paganismo, mas, posteriormente, os concílios e autoridades eclesiásticas decidiram suprimi-las, pelo caráter ridículo, licencioso e sacrílego que tomaram.

VI — Sobrevivências

Além de utilizadas nas expansões fundamentalmente teatrais, são encontradas na história da humanidade como parte das manifestações religiosas e lúdicas, em povos distanciados no espaço e no tempo.

Sob este aspecto, hoje em dia, são encontradas ainda, na África Ocidental, onde se confundem com as de justiça e na Melanésia, onde o costume sobrevivente é ainda mais arraigado.

Observando relações entre as máscaras dessas duas regiões, Frobenius deduziu que a África Ocidental recebeu elemento de cultura proveniente do arquipélago malaio, tais as relações verificadas.

Tribos nativas da África, de algumas ilhas da Oceânia, das Américas, do Norte, Centro e Sul, conservam nos seus rituais o uso das máscaras que são, muitas vezes, uma transposição do totem, conservando, em alguns casos, as formas transmitidas desde tempos imemoriais.

Os índios pele-vermelha, dos Estados Unidos, praticavam cerimônias com máscaras representando animais ferozes, cujos gritos imitavam.

É notável a especial habilidade das tribos da costa nordeste que são engenhosas na confecção de suas máscaras, como os Tlingit, do Alasca, os Kwakiutl e Haida, cujas interessantes máscaras não se assemelham às outras, do Continente.

O "American Museum Of Natural History", de New York, possui dessas máscaras, uma rara coleção.

Já os índios do Sul, no Novo México e Arizona, fazem máscaras diferentes. As tribos Zuni, Hopi Pueblo, Navajo e Apache, que são de origem mongolóide, guardam entre si certa afinidade, na confecção e execução das máscaras, das quais muitas representam os espíritos ancestrais denominados "Kachinas".

Os índios do Leste, em suas numerosas tribos, oferecem maior variedade, não só com relação às finalidades como também no que se refere ao material de manufatura e, de suas máscaras, possui numerosa coleção o "Museum of the American Indian" de New York.

No estado de Oaxara, no México, há um grande número de tradições praticadas com máscaras, como a dança dos "Negros", em Pueblo, e a dos "Santigos", notando-se ainda as do carnaval, em Huejotzingo, onde se executa a dança dos "Tiacololeros".

Na África, embora tenha sofrido restrições, sob o influxo do Maometismo e Cristianismo, as máscaras têm ainda um campo vasto e, em certos pontos, guardam as formas do passado.

São encontradas no cinturão formado de oeste a leste, pela Líbia (na tribo Kru); Costa do Marfim;

Costa do Ouro (tribo Ashanti); Costa dos Escravos; Nigéria; Camerun; Congo e Território de Tanganica.

A maior parte das máscaras africanas são feitas com material de origem vegetal (fibras e madeira) que algumas vêzes são pintadas de preto e polidas com cêra, ornadas ainda por côres várias e representando figuras humanas e animais, em diferentes estilos, feitas do mais simples realismo ao mais extremo convencionalismo, fantástico e exagerado.

Mais raras são as sobrevivências das máscaras de justiça. Dêste gênero, há o *Duk-duk*, no Congo e Camerun onde grupos de homens, organizados em sociedade secreta, sob aterrorizantes máscaras com as quais exercem suas práticas, intimidam as tribos, quando emergem inopinadamente das florestas, dando a impressão de sêres sobrenaturais. Exercem êles, no seio daqueles povos primitivos, uma ação que no mundo civilizado teve similar na Inquisição espanhola e tem hoje no *Ku Klux Klan*. Mantinham aquêles, como êstes, o mais estrito incógnito sob suas máscaras. Ninguém sabe quem são nem deseja sabê-lo e, se por infelicidade algum sectário revela acidentalmente, tem a vida em perigo.

Nas terras banhadas pelo imenso Oceano Pacífico, onde habitam povos heterogêneos, as máscaras são encontradas, principalmente na Melanésia.

Os Papuas, da Nova Guiné, os habitantes da Nova Bretanha, Nova Irlanda, Novas Hébridas e Nova Caledônia fazem-nas em grande variedade, sob

estranhas e fantásticas aparências, confeccionadas em madeira, fibras tecidas, ornadas de penas, alcançando tais máscaras alturas que chegam a quinze pés.

Entre os Lamas, do Tibet, como em outras regiões onde predomina o budismo, permanece o uso das máscaras em conexão com o ritual, principalmente quando há relação com os demônios. Em determinados lugares e regiões, os Lamas devidamente ajaezados, segundo a tradição, e com máscaras sensacionais, personificam os demônios, em suas danças pantomímicas. As vestimentas usadas nessas cerimônias são luxuosas, esplêndidamentê bordadas em côres várias e as enormes máscaras, dotadas de grandes cornos, são sugestivamente coloridas.

No Japão e na China, aparecem com freqüência em espetáculos teatrais de natureza acentuadamente tradicional. Os filhos do Sol Nascente apresentam com máscara o cerimonial denominado "No", no qual tomam parte homens da elite, escolhidos e selecionados sob preceitos e ritmos tradicionais. As máscaras dêste cerimonial são esculpidas em gêsso e finamente pintadas a tinta de têmpera.

Já as máscaras do "Kiogen", no mesmo país, são de natureza diversa, nitidamente caricaturas, para as pantomimas cômicas. Ainda no Japão, encontram-se, em cerimônia semi-religiosa, denominada "Gigoku", umas máscaras com marcada dissemelhança da fisionomia nativa do país.

Na China, as máscaras aparecem em determinados espetáculos teatrais, cujo pronunciado tradicionalismo

exige certo padrão, para o qual se utilizam as cores negra, vermelha e branca, segundo modelo tirado de velhas miniaturas.

No Museu Nacional de Copenhague figura uma coleção de máscaras em madeira, feitas pelos esquimós da ilha Nunivak e, dos esquimós de King Island, no Alasca, há um exemplar feito da cabeça e pescoço de um lobo.

As negras muçulmanas de Zanzibar trazem no rosto uma espécie de meia-máscara, em forma de janela com abertura para os olhos que lhes serve de ornato e para cobrir o rosto, como exige a sua religião.

No Brasil atual, o uso das máscaras se restringe ao carnaval, período em que a inventiva não tem limites, criando novos tipos. São cada vez mais raros os mascarados tradicionais como os "carecas", "dominós" e a pitoresca máscara de "Cruz Diabo", do carnaval popular maranhense.

Os índios do centro e sul-americano, via de regra, utilizam para suas máscaras as fibras vegetais, não apresentando o valor material de outros pontos do Globo.

VII — Assunto etnográfico-folclórico

Quando nos detemos na pesquisa folclórica, para fazer a exegese da máscara através dos tempos, o assunto se torna como que fugidio, mostrando-se-nos, ora de uma clareza meridiana, apresentado como recurso cênico, ora desconcertantemente variado, como sím-

bolo do ritual, ou, ainda, elemento lúdico proporcionado pelos recursos materiais do meio ambiente.

Os aspectos emergem do fundo dos séculos, chegando até nós ainda vivos, pelas sobrevivências, ou se fazem vislumbrar através dos totens de hoje. Fora ou aqui entre nós, essas figuras bizarras e tôscas constituem e constituirão, por muito tempo, um punhado de temas a se oferecerem aos estudiosos.

E' um campo de pesquisa no qual a etnografia e o folclore se juntam, porque a matéria é de natureza etnográfico-folclórica.

A máscara, tanto é peça de museu, para o etnógrafo, como se presta para as cogitações do folclorista.

O estudo das máscaras abrange tanto a área dos fatos materiais como a dos fatos espirituais, sendo ainda popular e tradicional.

Presta-se para a pesquisa, no problema das origens e para o estudo analítico das tradições populares.

Buscando um exemplo, lembramos que há pouco foi apresentado um filme, sobre os índios do Brasil central, e nessa projeção vimos uma cerimônia nativa denominada "Aruaná" para afugentar espíritos maus, com máscaras feitas de fibra, de feitio semelhante ao usado nas tribos da África e Oceânia. Os nossos nativos, quando praticam o "Aruaná", penetram nas malocas, comendo e bebendo o melhor que encontram, sem serem molestados, carregando suas altas máscaras.

Torna-se merecedor de registro e constitui ponto curioso no caso, o fato de se consignar semelhança

entre máscaras de diferentes tempos e terras, despertando no exegeta, uma pergunta sob dois aspectos :

— Qual a razão fundamental capaz de explicar a predileção pela máscara e o motivo que condiciona as semelhanças encontradas ?

Aí está uma pergunta que poderá se tornar a premissa de pesquisas difíceis, quiçá, demoradas.

A imaginação do homem primitivo, em suas limitações, sempre encontrou na máscara um meio de realizar, de certo modo, a faculdade de exercer uma espécie de avatar, do Vichnu indiano, podendo facilmente transformar-se em seres sobrenaturais, para o ritual ou para os divertimentos. Sentindo-se figura mítica, propiciatória ou funesta, emitindo fórmulas cabalísticas de conjuro, como nas tribos antigas ou nas conservadoras de hoje, ou, então, dizendo versos, como na tragédia grega.

Observando o assunto sob o aspecto ecológico, isto é, do meio físico, é interessante registrar os materiais usados para a confecção de máscaras, pois esta parece ser a causa principal das semelhanças constatadas em povos distantes e sem contacto, verificando-se interessantes ângulos da etnia, quero dizer da cultura, condicionada pelas possibilidades do meio.

Entre as máscaras antigas do culto, guardadas nos museus, procedentes do México e do Peru, algumas são de grande valor material com suas belas incrustações de turquesa, madeiras finas, conchas coloridas, ouro e prata, pois os Astecas, Taltecs e Mayas, do México, faziam suas máscaras algumas vezes com lâminas de

ouro ou prata, como também os nativos do Peru primitivo que com elas enfeitavam suas múmias.

Povos antigos, como os egípcios e cartagineses, colocavam máscara de ouro nos seus mortos e esta, segundo acreditavam, facilitava ao morto a viagem para o outro mundo, afugentando os demônios que se pudessem interpor no seu caminho e serviam para enganar os guardiães da eternidade, quando o morto o precisasse, prestando-se ainda para proteção da fisionomia, contra larvas e demônios que quisessem devorá-la.

VIII — *Atualidades da máscara no mundo civilizado*

No mundo moderno, porém, onde a civilização marcou e exerceu sua influência, tem sido postergado o uso das máscaras que só aparecem hoje em dia como elemento decorativo, em alguma composição artística ou nos folguedos do carnaval que, em última análise, é uma sobrevivência universal do culto a Dioniso, inteiramente despojada do espírito místico ou cênico do passado.

Em 1918, Fauconet compôs interessantes máscaras para "Le Dit du Jeu du Monde", de Méral e Honegger.

Dois anos depois, Jean Cocteau faz usarem máscaras as personagens do seu ballet "Boeuf sur le toit", montado por Diaghilev e, em mais outros, para um ano depois apelar para esse recurso em "Mariés de la Tour Eiffel".

Por volta da primeira quarta parte deste século, Wladyslaw Theodore Benda, por simples "hobby", co-

meçou a lançar suas máscaras que tiveram uma popularidade inesperada, a ponto de fazerem com que seu autor fôsse chamado a escrever um longo artigo, sôbre a máscara moderna, na austera Enciclopédia Britânica.

A bailarina Miss Severn teve, por êsse tempo, nos Estados Unidos, apreciável popularidade com seus bailados, usando máscaras que representavam alegria, fúria, esperança ou desespero.

Foi fugidio êsse resurgimento nos tempos atuais, mas não resta dúvida que foi uma prova de presença, mostrando que não morreu de todo o milenar interêsse pela máscara.

IX — Bibliografia :

- “Enciclopédia Italiana” — (vol. XII)
- “Enciclopédia Universal Ilustrada” — J. Espasa, (vol. XXXIII).
- “Universitas Enciclopedia de Iniciacion Cultural” — Barcelona — (Vol. X).
- “Mythologie Générale”, sous la direction de Felix Guirand — edição Larousse.
- “Masks”, by W. T. Benda.
- “Native Arts of the Pacific Northwest”, by Robert Tyler Davis.
- “Encantos do Oeste”, por Agenor Couto de Magalhães, Edição da Imprensa Nacional, Rio, 1945.
- “Le Masque”, por Leon Chancerel.